



X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"

22 a 24 de Setembro de 2016

São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

A LEITURA DELEITE NA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

SIMONE DE SOUZA SILVA

MÁRCIA DA SILVA LIMA LUNA

EIXO: 15. ESTUDOS DA LINGUAGEM

RESUMO O presente texto tem por finalidade principal tecer reflexões a respeito da importância da leitura deleite no ciclo inicial de alfabetização e, como esse momento se constitui dentro da cultura organizacional escolar. Além de refletir sobre a leitura deleite, sobre a função social da escola, teceremos considerações acerca da cultura organizacional escolar, no que se refere ao espaço ocupado pela leitura e os impactos na vida do estudante. Aborda considerações a respeito da escola enquanto espaço promotor de aprendizagens com destaque para a leitura que promove o Deleite Literário na criança em processo de alfabetização. O referencial teórico tem como base as contribuições de LIBÂNEO (2005), (SILVA, 2006), GERALDI (1997), entre outros. Os resultados apontam para a importância da formação do Deleite Literário na cultura organizacional escolar e no desenvolvimento do gosto pela leitura das crianças em processo de alfabetização.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura Deleite; Cultura Organizacional Escolar; Formação Leitora.

ABSTRACT This paper's main purpose weave reflections about the importance of reading delight in the initial literacy cycle and how that moment is within the school organizational culture. In addition to reflecting on the pleasure reading on the school's social function, we will weave considerations about school organizational culture, in relation to the space occupied by the reading and the impact on student life. Addresses considerations regarding the school as highlighted with learning promoter space for reading that promotes the child's delight in literary literacy. The theoretical framework is based on the contributions of Libâneo (2005) (SILVA, 2006), GERALDI (1997), among others. The results point to the importance of training the Literary Feast in school organizational culture and the development of reading habits of children in the

literacy process. **KAY WORDS:** Reading delight; Organizational Culture School ; Reader training.

1 Escola: espaço para a promoção de aprendizagens para a vida ou espaço para desenvolvimento cognitivo

"O pensamento é como a águia que só alça vôo nos espaços vazios do desconhecido" (Alves, 2003, p.56) Pensar a escola enquanto instituição social que visa à apropriação de saberes é percebê-la como promotora de pensamento, como bem disse Alves (2003), visto que ela se depara cotidianamente com sujeitos em busca de voos. Além disso, Libâneo (2005, p.17) aponta que "[...] escola existe para formar sujeitos preparados para sobreviver nesta sociedade e, para isso, precisam da ciência, da cultura, da arte, precisam saber coisas, saber resolver dilemas, ter autonomia e responsabilidade [...]". Certamente a escola precisará garantir e selecionar oportunidades de aprendizagens, nas quais as crianças vejam sentido e façam uso desses saberes, fora dos muros da escola. Diante do muito que compete à escola na formação do estudante, focaremos nosso diálogo nas contribuições da Leitura Deleite nos processos de desenvolvimento humano. Para Geraldi (1997, p. 174) Leitura para o Deleite é "ir ao texto sem perguntas previamente formuladas, sem querer escrutiná-lo por minha escuta, sem pretender usá-lo: despojado, mas carregado de história. É o que pode ser chamado de *leitura-fruição*". Vale salientar que não nascemos amando livros e leituras, pois "aprende-se ler à medida que se vive" (Lajolo, 2006, p.7). É na escola que temos um espaço privilegiado para ampliação do nível de letramento[1] do sujeito. Mas, será que a escola tem dado espaço para a Leitura Deleite?

Tem esse tipo de leitura que envolve o leitor, sem cobrar nada dele, lugar nos planejamentos dos professores?

Para que serve a escola afinal?

Será que temos desprezado o que é essencial na formação do sujeito enquanto ser humano?

De certo que existe uma trajetória de formação dos sujeitos na escola para além dos conteúdos escolarizados, uma formação que subsidie os estudantes com ferramentas de sobrevivência no mundo globalizado. Além de refletir sobre a Leitura Deleite, sobre a função social da escola, teceremos considerações acerca da cultura organizacional escolar, no que se refere ao espaço ocupado pela leitura e os impactos dela na vida do estudante, considerando que para compreender a relação da Leitura Deleite na escola, faz-se necessário o entendimento de determinados processos históricos da instituição:

"A compreensão da cultura enquanto práxis, o significado de cultura como conjunto de práticas que conferem determinados significados aos lugares, aos indivíduos e aos grupos, inscreve-se no propósito de construir possibilidades de investigações histórico-educativas" (SILVA, 2006, p. 208)

Para compreender a cultura escolar é preciso olhar para seu conjunto de

práticas repletas de significados diferentes, tendo como parâmetro a sua constituição de comportamentos, mitos e tradições particulares. De constituição bastante particular, a escola sofre diretamente influência da Cultura Geral, entendida aqui como todo o aparato que se constitui fora da escola, mas que se faz presente no ambiente escolar a partir dos sujeitos que a constituem. Portanto, sendo a escola um espaço influenciado pela Cultura Geral, é preciso considerar que fora dos muros da escola existe funcionalidade para a leitura, o que parece se perder quando esta é didatizada, transformada em objeto técnico. Incontestavelmente, a leitura ocupa lugar fundante na formação intelectual do sujeito, e é fora da escola que os estudantes dão sentido a ela. É chegado o tempo de a escola promover a leitura que leve o estudante à reflexão. A escola precisa mediar aprendizagens para além do desenvolvimento cognitivo. Considerando ser a leitura uma experiência para toda vida, deve ser a escola lócus de aprendizagens significativas em relação à leitura literária. **2 Cultura organizacional escolar: a busca da cultura da leitura para o deleite**

Cultura é termo complexo, que segundo Oliveira (2015, p.1) é “[...] a forma ou jeito comum de viver a vida cotidiana na sua totalidade por parte de um grupo humano”. São os contextos sociais que proporcionam experiências diferenciadas. Consideramos que existem culturas, no plural, não permitindo um termo, no singular, representar todos aspectos de um grupo social. Partindo da premissa que temos culturas e que estas afetam diretamente a escola, visto que ela é uma instituição social, que leva para dentro de seu espaço físico valores, normas, atitudes ou comportamentos vivenciados fora dessa organização. É preciso ponderar que não existem amarras na cultura, nem para a escola. Para Libâneo (2005, p. 19) “[...] educamos ao mesmo tempo para subjetivação e a socialização, para a autonomia e para investigação social, para as necessidades sociais e culturais e para a crítica e produção de estratégias inovadoras”. A leitura literária deve ocupar a rotina da organização escolar. É a Leitura Deleite estratégia privilegiada de formação do sujeito. Segundo Lajolo (2006, p.105) “A literatura constitui modalidade privilegiada de leitura, em que a liberdade e o prazer são virtualmente ilimitados”. O momento para o deleite deve vir como experiência que gera encantamento, prazer e favorece o pensar. É ferramenta para elevar o nível de letramento do sujeito e a escola é este espaço de encontro para a leitura literária. Pensar a escola na condição de

espaço para promoção da Leitura Deleite é buscar reconhecer a cultura escolar e suas alterações, como também seus elementos. Elementos estes que parecem dialogar diretamente com a leitura. Observemos os elementos e a possibilidade de diálogo, entre eles e a cultura da leitura:

[...] relações interpessoais na escola, comunicação entre pessoas na escola, cooperação entre os membros do quadro de pessoal pedagógico relativo à escola superior, participação partilhada em trabalhos, identificação dos alunos, professores e outras pessoas da comunidade escolar com a própria escola, cooperação com a comunidade educativa e com o espaço físico da escola. (MILAN, 2007, p.69) A relação entre os elementos da cultura organizacional e a cultura da Leitura Deleite dialogam entre si. Para que ela, a Leitura Deleite, aconteça e provoque encantamento no estudante, é preciso conceber como os docentes se relacionam com a leitura dentro e fora da escola, se partilham suas conquistas e dificuldades em realizá-la, enfim, se existe dentro da escola uma rede de cooperação e promoção da leitura. É importante conhecer as práticas culturais da escola, o seu *habitus*[2] com a leitura, para que na sala de aula o encantamento com a mesma de fato aconteça. Segundo Libâneo (2005, p. 16), “[...] decisões precisam ser tomadas e ações imediatas e pontuais precisam ser evitadas, visando promover mudanças qualitativas no desenvolvimento e na aprendizagem dos sujeitos”. Inegavelmente é preciso oportunizar a Leitura Deleite na escola, não de forma pontual. Pelo contrário, é preciso garantir que ela ocorra sempre, e promova aprendizagens e experiências prazerosas. Conceber a escola enquanto espaço promotor de leitura é entender que:

“a leitura tem de ser capaz de oferecer, neste mundo globalizado e facilitador, um prazer diferenciado, que só ela mesmo pode propiciar. Prazer que não pode ser substituído por outro. Prazer singular, *sui generis*. O prazer da descoberta do tanto de magia que as palavras, em sua possibilidade de construir histórias e arquitetar poemas, têm”. (RITER, 2009, p. 53) Riter (2009) evidencia que proporcionar leitura por fruição na escola amplia o nível de letramento dos sujeitos, dando condições aos estudantes de atuarem no mundo globalizado, disponibilizando encantamento e prazer no ato de ler. Para que a leitura gere no estudante uma cultura experiencial, [3]é necessário que ela não aconteça de forma improvisada ou quando sobre tempo, ou apenas quando convidamos alguém

que tenha certa experiência em mediar leituras. Não! Ela deve ser meticulosamente planejada e garantida no planejamento escolar dos docentes. **3 Cadê o deleite literário nas escolas?**

Pensar numa cultura organizacional escolar promotora de Leitura Deleite é considerar a relação que todos os envolvidos naquele espaço têm com a leitura para o prazer. Ler por prazer em tempos de tantas exigências por elevação de índices nos parece a princípio tarefa desafiadora para a escola. Possivelmente, a leitura ainda não ocupe o lugar nobre dos planejamentos escolares, sobretudo quando o assunto é ler para o deleite literário. A leitura por prazer deveria existir, enquanto porta de entrada para o encantamento na vida das pessoas, pelo simples motivo que GERALDI (1997, p.180) nos sinaliza: “talvez a entrada dos textos para a leitura em sala de aula tenha outras razões de ser: as razões efetivas pelas quais fora da escola buscamos textos”. Proporcionar o prazer pelo viés da leitura exige ações focadas em leituras em que possamos ler por ler, sem exigir nada em troca. Segundo YUNES (1988, p. 54) “São diversas as variáveis que se alinham quando se trata da questão de despertar o gosto pela leitura. Não há como fazê-lo sem recursos e estratégias para a distribuição do livro, sem professores e bibliotecários que tenham descoberto o prazer de ler”. Os livros precisam sair das prateleiras das escolas para cumprirem sua função, serem lidos, apreciados e, sobretudo manuseados. É de suma importância que as escolas viabilizem o acervo literário para que o professor realize seu trabalho com a leitura, juntamente com professores que também sentem prazer em ler para as crianças, sem cobranças, nem atividades que esvaziam o sentido do ler por Deleite. As crianças que vivenciam a Leitura Deleite como algo leve e prazeroso se aventuram a partir dos textos como aponta YUNES (1988, p.59):

“O interesse pela leitura decorre de ela não ser apresentada como um enigma, “bicho-de-sete-cabeças” – que ela efetivamente tem, sem ser um bicho-papão. Uma leitura que se revela como uma aventura pelo texto valoriza o aspecto cognitivo, que carrega e desautomatiza o consumo mecânico da escrita; torna-se um convite à inserção do próprio leitor nas entrelinhas onde já se encontram as muitas outras vozes de outros textos lidos pelo autor, a cuja intertextualidade vem somar a do leitor”. De certo, na leitura realizada pelas crianças fora dos muros da escola elas encontram prazer na leitura, se divertem e se emocionam. Mas, o que tem faltado para

que experiências prazerosas se façam presentes dentro dos muros da escola?

Para contribuir com a tessitura deste texto, vejamos o que nos diz Alves (2004) sobre a relação que a leitura deveria ter dentro do espaço escolar: "Acho que as escolas só terão realizado a sua missão se forem capazes de desenvolver nos alunos o prazer da leitura. O prazer da leitura é o pressuposto de tudo o mais. Quem gosta de ler têm nas mãos as chaves do mundo". É nessa relação em despertar o prazer pela leitura dita por Alves (2004) que cabe a instituição escolar investir em momentos destinados exclusivamente ao prazer na leitura. A leitura como espaço para o prazer, que possibilite ao estudante encontrar as chaves para o mundo, um mundo repleto de significações, imaginações e colorido, possibilitado pelo contato saboroso com textos literários. FERRAREZI (2014, p.77), esclarece que:

A leitura nas séries iniciais, aquela que a criança vai ter que fazer para se considerar alfabetizada, será a leitura que definirá seu gosto ou seu desgosto pelo ato de ler. E essa leitura que tem sentido para a vida da criança. Essa leitura tem que estar relacionada a algo da vida da criança, algo concreto, algo real, algo que interesse a ela e que lhe proporcione prazer. Ler por prazer requer um olhar ampliado para a porta de entrada do texto literário na vida da criança, evitando o desgosto pelo ato de ler. Para isso, é preciso escutar os estudantes visando obter informações acerca de seus interesses, para que, posteriormente, durante o planejamento de mediações de leitura, eles sintam prazer ao entrar em contato com uma literatura relacionada a algo próximo de suas expectativas. É preciso que os professores estejam sensíveis a porta de entrada do texto literário[4] para a criança, é [...] no diálogo da leitura lúdica e polêmica que a literatura pode oferecer, está à semente de sua condição de sujeito histórico [...] (YUNES, 1988, p.61). Foi também a constituição histórica do aluno que o levou a se identificar com aquele livro especificamente. Precisamos também considerar o que KEFALÁS (2014, p.117) nos fala sobre o jogo presente no texto, vejamos: " [...] as estratégias presentes na escrita literária ou na obra para fisgar o leitor deixam de ser aproveitadas, manipuladas". Cabe ao professor olhar mais devagar para o texto, escutá-lo com mais afinco, permitir que as palavras lhe digam muito mais do que seu sentido literal e buscar o que Iser chama "jogo do texto" aquilo que nos escapa se não nos permitirmos encontrar novas leituras proporcionadas pelo jogo do texto. Mas. condições

precisam ser dadas aos docentes para que eles promovam de maneira prazerosa a leitura e encontrem aquilo que tem deixado escapar nos textos. Caso eles não tenham vivenciado experiências prazerosas com os textos, caberá à formação continuada de professores (as) promovê-las. Além de considerar que os professores precisam ter acesso aos livros que são enviados pelo Ministério da Educação através do Programa Nacional da Biblioteca na Escola (PNBE), tal programa estimula o acesso aos livros na escola pública gerando uma cultura que incentiva o acesso a livros literários, disponibilizando gêneros diversos para a escola, tais como texto em prosa: crônicas, novelas, contos, biografias, entre outros, livros de imagens também compõem o acervo, além das histórias em quadrinho. Gerar estímulo e prazer nos docentes é possibilitar que eles possam ter acesso aos livros que realizem suas escolhas, mas cabe à formação continuada de professores priorizar também a Leitura Deleite e não deixá-la em segundo plano. É a cultura organizacional escolar que define se o espaço da escola será ou não um espaço promotor de leitura para o encantamento. É esse espaço escolar promotor de cultura que precisa garantir as crianças voz e vez, acerca da Leitura Deleite e para gerar prazer nas crianças ao se depararem com leituras literárias, faz-se necessário garantir que elas possam opinar e dar voz as suas preferências em relação à leitura. Segundo JOBIM (1994, p. 23) “[...] é a criança sujeito, autora de sua palavra que nos mostra os espaços sociais, a partir dos quais emerge sua voz, seu desejo”. Em pleno século XXI, ainda tanto nos inquieta a manutenção do silêncio das crianças, particularizando aqui sua voz em relação às histórias que são lidas em salas de aula. Para FERRAREZI (2014, p.15) “silenciar a boca, a pena, os ouvidos e a mente é um crime contra a vida”. Portanto, é preciso considerar a fala das crianças e possibilitar um ambiente dialógico na escola. Oportunizar a fala às crianças é enxergá-las como sujeitos de direitos, capaz de opinar, sugerir, questionar e, sobretudo, pensar. É sabido que, historicamente, a escola tem uma longa trajetória na manutenção do silêncio. Para romper com esse modelo de silêncio da humanidade, precisamos considerar a escola na sua cultura organizacional e procurar entender como os processos educativos se dão naquela instituição. Segundo SILVA (2006, p. 206):

[...] a escola é uma instituição da sociedade, que possui suas próprias

formas de ação e de razão, construídas no decorrer da sua história, tomando por base os confrontos e conflitos oriundos do choque entre determinações externas a ela e as tradições, as quais se refletem na sua organização e gestão, nas suas práticas mais elementares e cotidianas, nas salas de aula e nos pátios e corredores, em todo e qualquer tempo, segmentado, fracionado ou não. Não é possível intervir e avançar numa cultura da leitura para o deleite sem que antes nos voltemos, com respeito, à cultura da escola e ao cotidiano vivenciado dentro dela. Tal ação requer, sobretudo, conquista e respeito à trajetória dos sujeitos com a leitura por prazer. É preciso escutar a escola e perceber sua cultura, para que assim, possamos fortalecer a leitura prazerosa nela. Mas, por onde anda o deleite literário nas escolas?

Instituições abarrotadas de projetos e mais projetos, aprendizagens e mais aprendizagens... Terá a leitura, frente a tantas demandas, lugar privilegiado na rotina das escolas?

Não nos cabe mais frieza e insensibilidade ao tratar de assuntos tão importantes para o desenvolvimento humano, a exemplo da leitura que gera encantamento e deleite. Visando romper com a insensibilidade do fazer pedagógico das escolas, é preciso considerar que: “[...] práticas pedagógicas implicam necessariamente decisões e ações que envolvam o destino das pessoas, requerendo projetos que explicitem direção de sentido da ação educativa e formas explícitas do fazer pedagógico” (LIBÂNEO, 2005.p. 17). Conceber que estamos lidando com os destinos de pessoas é ter coerência nas práticas pedagógicas escolares, sobretudo se almejamos a apropriação de aprendizagens para além do cognitivo, ou seja, aprendizagens para toda a vida. Gerar um ambiente educacional que leve a aprendizagens para toda vida é considerar conforme nos alerta Bourdieu e Passeron apud SILVA 2006, p.206 ao dizer que: “[...] a escola tem desenvolvido um padrão cultural, não apenas de repetição de comportamentos, mas de desenvolvimento mesmo de raciocínios para a solução dos diferentes problemas e para a convivência”. A escola tem encontrado caminhos e para que possamos contribuir, neste caso, com a cultura da leitura para o deleite, é preciso considerar o percurso feito pela escola, com relação à leitura. Mas, e os docentes, que relação prazerosa eles têm com o texto literário?

Uma aproximação com a cultura organizacional escolar permitirá tirar conclusões acerca de como tem sido realizado o trabalho com a leitura

deleite dentro das instituições escolares?

Relacionar a formação leitora dos estudantes com a ampliação do nível de letramento[5] atribui à Leitura Deleite um lugar de destaque na formação humana desses sujeitos. Visto que segundo PINHEIRO (2006, p. 24) "Para se formar leitores não basta que os indivíduos saibam ler, é preciso que eles façam uso dessa habilidade". Proporcionar o contato saboroso e prazeroso com os textos literários pelo viés da Leitura Deleite é gerar a isca, para que os estudantes façam uso dessa habilidade de leitura, como bem frisou Pinheiro (2006). Se pensarmos no letramento em sua dimensão social, enquanto prática é interessante retomarmos nosso olhar para a cultura organizacional escolar, sobretudo como a instituição formal se relaciona com a leitura literária e a prática em seu ambiente formador. Ou seja, "Ler traz inegáveis benefícios. Qualquer tipo de leitura pode contribuir para a formação e o enriquecimento da bagagem cultural dos alunos, mas é a leitura literária que tem o maior poder de alargar os horizontes". (SILVA, 2009, p. 131) É a leitura literária que possibilita a criação mental de cenários e situações, quando nos deparamos com personagens, ampliando assim nossa visão de mundo (SILVA, 2009, p. 131). Como resultado, o sujeito tem contato com o texto literário, que por sua vez "se apoia na palavra, que é traduzida e visualizada pela imaginação do leitor. E é na mente desse leitor que o signo verbal se torna concreto" (SILVA, p. 131). Dar vida à palavra do texto literário recebe um viés interessante se pensarmos o poder das palavras postas no texto. Na perspectiva de LAROSSA (2002, p.21), existe esse poder na palavra que afeta o ouvinte. O autor diz que:

[...] creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. Realizar a leitura deleite exige do mediador uma dinamicidade, uma íntima relação com a palavra, certo treino, visando que ela, a leitura para o encantamento e deleite, nos afete de tal modo, que gere em nós experiência. Experiência aqui, na perspectiva de LAROSSA (2002, p.21), entendida como: "[...] o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo,

quase nada nos acontece". **4 Considerações finais** As reflexões aqui suscitadas nos confirmam que mudanças educacionais precisam surgir no que tange à Leitura Deleite, mas também nos mostram que é necessária uma aproximação com a escola, procurando entender sua cultura organizacional. Entender a cultura organizacional escolar é um princípio para que as mudanças ocorram, tendo como pano de fundo uma linguagem que interage com os sujeitos envolvidos. Entender os processos dos docentes com a leitura nos parece ser outro passo importante rumo à leitura que gera prazer, uma vez que só posso dar vida à leitura se esta foi e tem sido viva no processo de formação do docente. Como se tornar referência leitora se as experiências com a leitura não foram prazerosas?

Há um caminho a ser percorrido em busca do deleite literário. Este caminho deve ser iniciado pelo respeito ao outro e pela partilha e resgate do lugar que a literatura deve ocupar no desenvolvimento humano. Imprescindível se faz encarar a leitura, sem obrigações, no cotidiano escolar, mas sem abrir mão da organização dessa leitura, tendo sempre como principal objetivo, o encantamento. É preciso tirar os livros das estantes escolares e colocá-los à disposição de todos (as), criar práticas de aproximação entre sujeitos e livros. Afinal, eles foram feitos para serem lidos e apreciados. É na voz do (a) professor (a) que eles precisam ganhar vida e movimento, proporcionando reverberações naqueles que escutam essa voz. A boa leitura gera experiência, nos toca, fica em nós e traz referência leitora. A interação entre professores e estudantes com os livros oportunizará a vivência de emoções, fascínio pela palavra bem escrita. Mas, condições precisam ser criadas, barreiras precisam ser superadas.

ALVES, Rubem. **Conversas de Professores**. 2003 _____, Rubem. **Gaiolas ou Asas – A arte do voo ou a busca da alegria de aprender**. Porto, Edições Asa, 2004. GOMES, Thalles. **Madá e o jegue cantador** / Thalles Gomes; ilustrado por Robson Araújo. – Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2013. JOBIM, e Souza, Solange. **Infância e linguagem**: Bakhtin, Vygotsky e Bejamin / Solange Jobim e Souza. Campinas, SP: Papyrus, 1994.(Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico) KEFALÁS, Eliana. **Letras vivas: leitura literária e performance na formação do leitor**. In:KEFALÁS, Eliana Oliveira,MORAES, Giselly Lima de, PEPE, Cristiane Marcela (orgs.) *Leitura literária e mediação*, Campinas, SP: Edições Leitura Crítica,

ALB, 2014. p. 117. LIBÂNEO, Carlos José. **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. São Paulo: Alínes, 2005. LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. Editora Ática. São Paulo, 2006. OLIVEIRA, J. L. **O conceito antropológico de Cultura**. Universidade Católica de Brasília. 2015. ORTHOF, Sylvia. **Maria vai com as outras**. Editora Ática, 2008. Rogério Tilio. **Reflexões acerca do conceito de cultura**. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. V. VII, n. XXVII, PP. 34-46. 2009. SILVA, F.C.T. **Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa**. Educar, Curitiba, nº 28, p.201-216, 2006. Editora UFPR. SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura Literária & outras leituras** – impasses e alternativas no trabalho do professor / Vera Maria Tietzmann Silva. – Belo Horizonte: RHJ, 2009 SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. YUNES, Eliana. **Leitura e leituras da literatura infantil** / Eliana Yunes, Glória Pondé. – São Paulo: FTD, 1988.

[1] “ [...] resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Soares, 1998. P.18 [2] Conceito pontuado por Bourdieu (1999)- mediação universalizante que faz com que as práticas sem razão explícitas e sem intenção significativa de um agente singular sejam, no entanto “sensatas”, “razoáveis” e objetivamente orquestradas. [3] São significados e comportamentos que os alunos e alunas elaboram de forma particular, induzindo por seu contexto, em sua vida prévia e paralela à escola, mediante os intercâmbios “espontâneos” com os meios familiar e social que rodeiam a sua existência. (SILVA, 2006, p.213) [4] É o texto literário que fissa o (a) aluno (a) para o encantamento pela leitura fruição. [5] Letramento para Soares(2001, p.16-17) é a versão para português da palavra da língua inglesa *literacy*, que significa o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever.

* Mestranda em Educação –Grupo de investigação e estudos em leitura e escrita- GIELE. simone.souza.silva@hotmail.com

** Mestra em Ensino de Ciências e Matemática. Semed Maceió. mar7luna@gmail.com

Recebido em: 05/08/2016

Aprovado em: 06/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: